

A menina que cuidava dos pobres

Vida de Santa Dulce dos Pobres



GIZELE BARBOSA

ILUSTRADO POR BRUNA ASSIS BRASIL





Imagine um céu azul.

Azul reluzente, com uma luz que iluminava tudo que se podia ver. Assim estava o céu de Salvador, na Bahia, em 26 de maio de 1914, dia em que nasceu a pequena Maria Rita.

Maria Rita era conhecida como uma “menina terrível”, porque subia em árvores, jogava futebol, soltava pipa e amava, mais que tudo, brincar com seus irmãos: Augusto, Aloísio, Geraldo e Dulcinha.

Seu pai, o senhor Augusto, era dentista e professor, e sua mãe, dona Dulce, cuidava da casa e das crianças. Os dois se amavam muito e esperavam a chegada de mais uma menina, a pequena Regina, para completar a família.

Dona Dulce, sempre muito amorosa, gostava de ter todos os filhos por perto, e amava tanto Regina, que foi com ela para o céu, aos 26 anos, deixando os filhos aos cuidados do seu Augusto.

Os pequenos órfãos de mãe ficaram tristes, assim como seu Augusto. Mas havia uma tia que os queria muito bem e que ajudou seu Augusto na missão de educar e auxiliar as crianças: era a tia Madalena, ou melhor, Madalenhinha.

Seu Augusto achou ruim viver sozinho e se casou outra vez, agora com dona Alice. Foi então que nasceu a irmã mais nova, a pequena Teresinha, que gostava muito de Maria Rita e não desgrudava dela, seguindo-a para todos os lugares.



Quando Mariinha (assim seu Augusto e os irmãos chamavam Maria Rita) já estava mais crescida, a tia Madalenhinha a chamou para uma conversa, dizendo: "Que tal aprender algo novo? Você tem 13 anos e quero lhe mostrar como pode ajudar a fazer o mundo ser um pouco melhor".

Tia Madalena fez a proposta: "No próximo domingo, ao invés de ir ao estádio torcer para o seu time, você virá comigo!".



Chegou o domingo e as duas saíram juntas em direção à Igreja Santo Antônio. Elas participaram da missa e, logo depois, da reunião do Apostolado da Oração, em que tia Madalena era a presidente.

Depois da reunião, seguiram em direção ao bairro do Tororó, na Baixa do Sapateiro.

Mariinha começou a andar pelas ruas estreitas com sua tia e, tapando o nariz, pensava: "Que cheiro ruim!".

As duas entraram em vielas, prédios abandonados e casebres, para visitar os doentes.

Ao terminar aquelas visitas, Mariinha sentiu-se triste por ter visto tanta pobreza.



Mariinha não conseguiu dormir, ficou pensando no que tinha vivido. Quando acordou, foi procurar a tia Madalena e disse a ela: "No domingo, quero ir outra vez com você, titia". E cada vez que visitava aqueles lugares, lágrimas caíam dos seus olhos, por não acreditar que, enquanto ela tinha tudo, tantas pessoas viviam com tão pouco.

Então surgiu a ideia: "Vou usar a escada de casa para deixar sempre algo para os pobres. Eles poderão chegar e pegar aquilo que estiverem precisando". E então, um dia após o outro, a porta da casa de Mariinha começou a se transformar no endereço preferido dos pobres da redondeza.

Estando cada dia mais próxima de tia Madalena, Mariinha, então com 15 anos, sentiu o desejo de ser caridosa como sua tia, mas queria ir além. As duas frequentavam a capela Santa Clara do Desterro, das Irmãs Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus, e Mariinha amava ir ali. Um dia, quando estava na capela, se perguntou: "Por que não me tornar uma filha de São Francisco?".

Quando ficou sabendo da ideia de Mariinha, seu Augusto mostrou-se preocupado. Ele achava a filha muito nova para ir morar num convento e tornar-se uma Irmã Franciscana.

Disse, então, à menina, que o olhava com olhos lacrimejantes: "Filha, espere mais um pouco, para ver se você tem mesmo vocação. Ainda é muito cedo, tenha paciência".

Seu Augusto queria que Maria Rita estudasse e se tornasse professora. Mas ela queria mesmo era estudar para enfermeira.

E assim
se passaram
dois anos...





O que seu Augusto não sabia era que, toda manhã, Maria Rita saía de casa e ia à Igreja de Santana, para participar da primeira missa da manhã. Depois, voltava para casa e fingia estar acordando, como se nada tivesse acontecido.

Maria Rita admirava São Francisco. Ela amava a ideia de que precisamos ser bons cristãos e cuidar dos menos favorecidos com amor. Então, como sua tia, começou a fazer parte da Ordem Terceira Franciscana.



Um dia, enquanto participava da missa, Maria Rita sentiu em seu coração a sensação de estar à espera de alguém. Olhava para trás, e nada... Olhava outra vez, e nada... Até que, reluzindo como um raio de sol, surgiu alguém que, para ela, parecia um anjo.

Maria Rita ficou encantada, e sentiu uma emoção que não conseguia explicar, ainda mais quando viu que essa pessoa era uma freira. Em seu coração surgiu um desejo forte, que a fez exclamar para si mesma:

“Quero ser freira
e entrar para essa Congregação!”.